

# Credores inquietos com a mudança no comando da negociação da dívida

por Paulo Sotero  
de Washington

Se o objetivo do presidente José Sarney era deixar o governo dos Estados Unidos em dúvida sobre qual será o seu próximo passo nas negociações com o Fundo Monetário Internacional (FMI), até o momento ele parece ter tido pleno êxito. "Minha expectativa é que o Brasil e o Fundo cheguem a algum tipo de entendimento até meados de agosto, porque sem isso vai complicar-se a renovação da dívida e das linhas de curto prazo no fim do mês. Mas não sabemos se isso vai acontecer, porque não conhecemos as intenções do governo brasileiro", disse a este jornal uma categorizada fonte financeira da administração Reagan. "Acho que existe certo grau de otimismo de que haverá um acordo. Mas é um pouco prematuro prever que ele estará definido dentro de três semanas", afirmou um funcionário do Departamento de Estado.

Parte da dúvida deriva da alteração de comando na condução das negociações com o Fundo ocorrida no governo brasileiro. Aos funcionários americanos que monitoram a questão, não passou despercebida a posição de proeminência que o economista e assessor presidencial Luís Paulo Rosenberg ganhou nas últimas semanas, em aparente prejuízo tanto para o ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, que, oficialmente, é o negociador brasileiro, quanto para o ministro do Planejamento, João Sayad. Ninguém arrisca a dizer o peso que cada ministro tem atualmente na equação do acerto externo. Reconhece-se, apenas, que o espaço conquistado por Rosenberg reflete a decisão do presidente Sarney de chamar a si o comando das negociações com o FMI.

Mas quem é, o que pensa este importante assessor presidencial que dá instruções à delegação que o go-

verno envia ao Fundo e, depois, concede entrevista coletiva para explicar os resultados da viagem, são perguntas para as quais Washington ainda não parece ter obtido respostas satisfatórias.

## TRANSPONÍVEL

A avaliação básica da administração Reagan, de acordo com a fonte da área financeira oficial, é que existem condições objetivas para um entendimento. "O fosso a ser coberto, embora substancial e maior do que o que tem sido noticiado, não é intransponível. O Brasil terá de caminhar mais um pouco e, do lado do FMI, o (diretor gerente Jacques) de Larosière está deixando algum espaço para flexibilidade", afirmou a fonte.

A postura de Sarney, de jogar o jogo da dívida sem contestar as regras vigentes, mas, ao mesmo tempo, escondendo suas cartas e exibindo sobre a mesa todo o cacife do País, certamente causa desconforto e torna funcionários do governo e credores americanos bem menos dispostos do que no passado recente a fazer declarações ameaçadoras. Teme-se, de qualquer forma, que o governo venha a se emaranhar em sua própria retórica, obviamente calculada mais em função de fatores internos do que externos, e colocar-se numa posição da qual não tenha, depois, como sair. Nesse sentido, existe, na área financeira do governo, mais do que na área diplomática, alguma preocupação com o possível impacto que a ofensiva política iniciada no último domingo pelo novo presidente do Peru, Alan Garcia, terá sobre a opinião pública brasileira.

A decisão do novo líder peruano, de boicotar o Fundo e limitar o pagamento de juros a 10% das exportações, certamente será amplificada durante a reunião sobre a dívida da América Latina, que o presidente Fidel Castro hospeda, em Havana, nesta semana.